

MEDICINA NA GRÉCIA ANTIGA

**Elaine Alves
Paulo Tubino**

A medicina grega fundamentou-se em experiências de civilizações anteriores: Mesopotâmia, Egito, Índia e, sobretudo, na de uma pequena ilha do mar Egeu chamada Creta onde floresceu a “Civilização Minoica”. Didaticamente, a medicina grega pode ser dividida nos seguintes períodos: Creto-Micênico, correspondente à Idade do Bronze: civilizações minoica e micênica; Mitológico; Pré-hipocrático (filósofos-cientistas); Hipocrático (medicina racional); Pós-hipocrático: Helenístico ou Alexandrino; Greco-Romano.

Durante os períodos minoico e micênico a medicina estava intimamente relacionada à religião e à magia, uma vez que as doenças eram atribuídas aos deuses, que tinham o poder de dar e de retirar a saúde dos seres humanos. Os cretenses cultuavam a serpente, portadora da vida e da morte, mas também tinham redes de água e esgotos, banhos públicos e eliminavam o lixo, mesmo que tais benefícios se limitassem à elite que vivia nos palácios. Era uma medicina empírica, porém baseada na observação do enfermo.

A mais antiga fonte de informações sobre a medicina grega é a obra do lendário poeta Homero, que viveu por volta do século VIII a.C. Segundo Homero, o médico era uma figura de respeito: Um médico vale por muitos; ele extrai os dardos, unge a ferida e acalma as dores”. Na *Ilíada*, poema épico que narra o último ano da Guerra de Troia, Homero refere-se também ao uso de linimentos, à limpeza das feridas e a como estancar o sangramento; há a recomendação do uso do vinho para restaurar as forças. São descritas 147 feridas, das quais 106 produzidas por lanças com uma mortalidade de 80%; 17 por espada, todas mortais; 12 por flechas e 12 por funda, com mortalidade de 42% e 66%, respectivamente. O índice de mortalidade devido a lesões traumáticas atingia 77%. Macaão (Macaon) e Podalírio são citados como oriundos de uma família de médicos e com um conhecimento que haviam recebido, por intermédio de seu pai Asclépio, de Quíron o Centauro. Macaão é chamado, como o pai, de “exímio”. Era uma medicina de guerra praticada às vezes pelos próprios guerreiros, que eram hábeis em extrair pontas de flechas, sabiam parar o fluxo sanguíneo, banhavam os ferimentos com água quente e aplicavam bálsamos curativos. Os conhecimentos anatômicos, embora primitivos, eram bastante exatos no que se refere aos ossos, músculos e articulações. Apesar das constantes referências aos deuses e às preces dos moribundos na *Ilíada*, a medicina na época de Homero era praticada por profissionais pagos. Posteriormente a medicina tornou-se mais sacerdotal e muitos deuses passaram a ser identificados com a cura. O culto a Asclépio pode ter se originado de uma dessas divindades ou ele pode ter existido de fato, por volta de 1200 a.C., e ter sido mais tarde divinizado.

ASCLÉPIO

Não se sabe ao certo se Asclépio (Esculápio) existiu realmente. Sobre seu nascimento há algumas versões, segundo a mais conhecida Asclépio era filho de Apolo e de sua amante Corônís. Enquanto estava grávida de Asclépio, Corônís traiu Apolo que enviou sua irmã Ártemis (Diana), deusa da caça, para matá-la; segundo outra versão, ele próprio teria matado Corônís. Enquanto o corpo de Corônís era queimado em uma pira fúnebre, Apolo removeu a criança não nascida, no que teria sido a primeira cesariana, e a deu para o centauro Quíron, com quem Asclépio aprendeu a arte da medicina. O local do nascimento de Asclépio era disputado por várias cidades gregas, entre elas Epidauro. Asclépio tornou-se médico habilíssimo, capaz até mesmo de ressuscitar os mortos. Hades, deus do Inferno, temendo uma redução no afluxo de almas para seu reino queixou-se a Zeus que fulminou Asclépio para em seguida acolhê-lo no Olimpo. Asclépio é considerado o fundador da medicina da Grécia antiga. Durante sua permanência na terra teve vários filhos, todos ligados à medicina e à saúde. Dentre eles: Panaceia (deusa da farmácia), que conhecendo todos os remédios, curava qualquer doença; Higeia (ou Hígia), protetora da saúde pública (daí a palavra higiene) e encarregada

de alimentar as serpentes sagradas; Telésforo, sempre apresentado como criança, protetor dos convalescentes; Podalírio, médico militar e de doenças mentais e Macaão, o cirurgião que morreu no campo de batalha e a quem foi dirigida a frase de Homero referente ao valor da vida do médico.

Asclépio foi deificado durante os séculos VI-V a.C. e deu seu nome aos *asclepiades*, sacerdotes-curadores que serviam nos templos construídos em honra ao deus da medicina. Esses templos eram chamados *asclepeia* (no singular, *asclepeion* ou *asklepieion*). Os mais famosos ficavam em Epidauro, Cnido, Cós, Atenas, Pérgamo e Cirene. Eram construídos em locais particularmente agradáveis, com piscinas, ginásio, biblioteca e teatro. O tratamento era constituído de banhos e jejum. Cansados, os pacientes adormeciam. Os sacerdotes passavam entre os leitos com as serpentes sagradas (há citações de que lambiam as feridas). Ao despertar, cada um dos doentes contava o que havia sonhado. Os relatos iniciais se referem a curas feitas diretamente pelo deus durante o sonho; posteriormente eram os sacerdotes que explicavam o significado do sonho e receitavam o tratamento apropriado. Assim, os *asclepiades* exerciam influência benéfica nos pacientes que sofriam de doenças psicossomáticas.

Para os gregos, o homem e a natureza eram objetos de observação e estudo. Os primeiros filósofos eram biólogos e naturalistas. De todas as escolas filosóficas antigas (pré-socráticas), a que mais influenciou a medicina foi a do filósofo e matemático Pitágoras (c. 580-489 a.C.). Nascido na ilha grega de Samos, fundou uma escola filosófica na cidade de Crotona (na Calábria), a “Escola Pitagórica”. Os pitagóricos investigavam a natureza. O médico mais famoso da escola de Crotona foi Alcmeon (c. 560-500 a.C.), que estudou os sentidos e foi o primeiro a afirmar que o cérebro era o berço do intelecto e dos sentidos, sendo considerado o primeiro neurocientista. Alcmeon de Crotona observou a circulação e mostrou que artérias e veias eram diferentes, dissecou um olho (provavelmente de animal), descreveu os nervos ópticos e a tuba auditiva. Era dualista e achava que a saúde dependia da combinação e do equilíbrio de elementos opostos: quente e frio, molhado e seco, doce e azedo. Foi o único médico pré-socrático cujas teorias médicas ainda são lembradas. Outro filósofo pré-socrático notável foi Empédocles de Agrigento (c. 500-430 a.C.). Ele acreditava que o mundo era constituído de quatro elementos inalteráveis que eram a raiz de tudo: terra, ar, fogo e água. Seus estudos o levaram a concluir que o coração era o centro do sistema circulatório e que o sangue fluía continuamente, enquanto o *pneuma* (ou “sopro da vida”) era distribuído pelo corpo por meio dos vasos sanguíneos. Como a maioria das primeiras civilizações, os gregos reconheciam a importância do sangue, mas não suas verdadeiras funções, e eram comuns a prática da sangria e a aplicação de ventosas.

O SÍMBOLO DA MEDICINA

O símbolo da medicina foi difundido pelos gregos e é utilizado até hoje. Asclépio é sempre representado segurando um cajado com uma serpente em volta. Ele teria descoberto as virtudes das ervas por causa de uma serpente que fora ferida e imediatamente curada por outra serpente, que trouxera na goela uma planta de propriedades milagrosas. O bastão é o símbolo do reino espiritual sobre a vida terrestre. A serpente é símbolo da prudência, associada ao conhecimento, sabedoria, sonho, cura e regeneração (por mudar periodicamente sua pele).

Entretanto, um outro símbolo também tem sido usado em relação à medicina: o símbolo de Hermes, deus do comércio, chamado “caduceu”. Este consiste em um bastão em que há duas serpentes opostas, com duas asas na extremidade superior. Ambos os símbolos têm sua origem na mitologia grega: o de Asclépio, deus da Medicina, é o símbolo da tradição médica; o outro é o de Hermes, deus do comércio, que erradamente tem sido introduzido na simbologia médica. Hermes é um deus desonesto e trapaceiro, astuto e mentiroso. Logo após nascer roubou parte do gado de seu irmão Apolo. Zeus, pai de ambos, o obrigou a confessar o roubo; para se desculpar, Hermes presenteou Apolo com uma lira e uma flauta. Apolo em retribuição deu-lhe o caduceu. O caduceu era um bastão que servia de salvo-conduto, conferindo imunidade ao seu portador. Hermes tinha a capacidade deslocar-se com a velocidade do pensamento e por isso tornou-se o mensageiro

dos deuses do Olimpo, deus dos viajantes e das estradas. Como o comércio na antiguidade se fazia pelos viajantes, Hermes foi consagrado como deus do comércio. O caduceu é o símbolo do comércio e dos viajantes, usado em emblemas de associações comerciais, escolas de comércio e escritórios de contabilidade.

Várias causas são apontadas para este erro. Uma delas foi a publicação pelo exército francês, em 1901, de um jornal de cirurgia e medicina chamado *Le Caducée*, no qual estão estampadas duas figuras estilizadas do símbolo de Asclépio, mas com uma única serpente. Porém, o fato que mais contribuiu para este erro foi a adoção do caduceu de Hermes na insígnia dos departamentos médicos do exército e da marinha dos Estados Unidos. Somente a Força Aérea estadunidense (USAF) mantém o bastão de Asclépio em seu emblema. O caduceu de Hermes estilizado foi também adotado pelo serviço médico da *Royal Air Force* britânica. Entretanto, a Associação Médica Americana usa o bastão de Asclépio, assim como a maioria das sociedades médicas regionais norte-americanas de caráter científico ou profissional. A Organização Mundial de Saúde, fundada em 1948, adotou o símbolo de Asclépio. A Associação Médica Mundial, em 1956, adotou um modelo padronizado do símbolo de Asclépio para uso dos médicos civis. Há estilizações do símbolo de Asclépio como os da Associação Paulista de Medicina, em que o bastão é o tronco de uma árvore, e da Academia Brasileira de Medicina Militar, em que o bastão toma a configuração de uma espada.

Como sugeriu Tyson: “O símbolo de Hermes poderia ser usado, no máximo, em carros funerários, já que uma das atribuições de Hermes era conduzir os mortos à sua morada subterrânea. Fora disso, o caduceu de Hermes, como símbolo médico é uma heresia.” Ressaltou Alcino Lázaro: “A mídia brasileira, por engano, por falácia, por má-interpretação, por má-informação ou por má-fé passou a usar o símbolo do comércio como ilustração quando se refere a notícias médicas. Este equívoco ou erro pode ter um duplo significado. Uma ingenuidade ao não conhecer a história ou uma atitude cediça e maledicente em que se vincula o médico ao comércio.” O verdadeiro símbolo da medicina é o bastão de Asclépio (figura 1). O caduceu de Hermes deve ser banido e visto como um símbolo degradante dos nobres ideais da medicina.



Figura 1 – Bastão de Asclépio (Esculápio, para os romanos), emblema adotado pela Associação Médica Mundial para uso dos médicos civis; a serpente tem duas curvaturas à esquerda e uma à direita.

HIPÓCRATES (c. 460-370 a.C.)

Médico grego, considerado o “Pai da Medicina”, Hipócrates estabeleceu as bases científicas da prática médica. Nasceu na ilha de Cós de uma família de *asclepiádes*. Deu à medicina uma base racional, sobre a qual se apoiou uma arte de cuidar dos doentes independentemente de práticas religiosas. Seus princípios se fundamentaram na atenção direcionada ao paciente, essência de uma ética que ele mesmo definiu e que perduraria por mais de dois mil anos. Descreveu sinais próprios de determinadas doenças. Associou sinais e sintomas clínicos que caracterizavam síndromes; por exemplo, a chamada **fácies hipocrática** era sinal pré-agônico: “afilamento do nariz, olhos fundos, suores frios, têmporas deprimidas, orelhas frias, lóbulos das orelhas afastados, pele da fronte seca e esticada, pele do rosto amarelada, lívida ou com cor de chumbo”. Hipócrates insistia na análise precisa da evolução clínica das doenças para estabelecer seus prognósticos. Para ele as doenças não tinham origens divinas. Assim, estudou e enfatizou o papel dos ventos na propagação das epidemias, a influência do clima, da alimentação, da qualidade da água e o papel da dietética no acompanhamento das alterações da saúde. O raciocínio clínico de Hipócrates se baseava na “teoria dos quatro humores”. Considerava o corpo formado de elementos sólidos, entre os quais circulavam substâncias líquidas, os humores: sangue, bile (bile amarela), atrabile (bile negra) e pituita ou flegma. A doença era um desequilíbrio entre esses humores. O restabelecimento desse equilíbrio era obtido com a retirada do humor que estava

em excesso. Desse conceito surgiram tratamentos como o emprego de vomitivos, purgativos, lavagens e sangrias. Os quatro humores correspondiam aos quatro elementos: fogo, ar, água e terra. Ao fogo, quente e seco, correspondia a bile amarela (ou cólera), com sede no fígado; o ar, quente e úmido, era identificado com o sangue, cuja sede era o coração; a água, fria e úmida, com a flegma (fleuma), localizada na cabeça e finalmente a terra, fria e seca, era identificada com a bile negra ou melancolia, que tinha sede no baço. Considerava-se que os homens eram quentes e secos e as mulheres frias e úmidas. Do humor dominante dependeria o temperamento do indivíduo, que podia ser colérico, sanguíneo, fleumático ou melancólico. Acreditava-se que em cada idade do ser humano prevalecesse um elemento e, portanto, um humor sobre o outro. Havia a crença de que a condição fundamental da vida era o calor inato e sua cessação provocava a morte. Para que esse calor se mantivesse constante, tornava-se necessário que o pneuma penetrasse pela traqueia e circulasse nas veias com o sangue.

Hipócrates estudou a embriologia da galinha e as malformações. Tinha uma teoria sobre a concepção das crianças; para ele cada um dos pais tinha duas sementes, uma forte e uma fraca. No homem a semente vinha do sistema nervoso e chegava aos testículos. A criança era concebida pela mistura das sementes dos pais no útero, que por isso era considerado um órgão importante. O sangue das menstruações fazia a nutrição do feto. Como os homens eram mais quentes e mais secos e as mulheres mais úmidas e mais frias, Hipócrates aconselhava um regime aquoso se era desejada uma menina e um regime que produzisse calor se os futuros pais desejassem um menino. Acreditava-se que todas as doenças das mulheres tinham origem no útero e que o útero tinha duas cavidades, como em outros mamíferos; a cavidade direita daria origem a meninos e a esquerda a meninas. A anatomia da mulher era mal conhecida na época de Hipócrates e a existência dos ovários era ignorada. A histeria era considerada uma afecção provocada pelos deslocamentos do útero, cuja re colocação era feita por meio da aplicação local de um adstringente seguida da colocação de uma espuma embebida em vinagre ou uma romã partida ao meio. Se essas medidas falhavam a mulher era pendurada pelos pés, de cabeça para baixo, e sacudida fortemente. Também eram usadas fumigações no nariz e na vulva.

Os tratamentos já compreendiam medidas higiênicas e dietéticas, como o regime alimentar e os exercícios físicos. Hipócrates fazia apenas o que já estava provado por experiências passadas e seus conceitos iriam permanecer por cinco séculos até Galeno de Pérgamo. Segundo a tradição, Hipócrates ensinava à sombra de um plátano na ilha de Cós. Enfatizava o interrogatório do paciente para conhecer seus antecedentes e suas predisposições patológicas (anamnese); já destacava que os sinais são observados pelo médico e os sintomas são sentidos pelo doente. Perguntava sobre a dieta, os costumes, o local de origem, o funcionamento dos intestinos, o sono e os sonhos. Observava o corpo do paciente, a respiração, o suor, a urina, a voz, as maneiras, o silêncio e a fâcies. O médico hipocrático ia visitar os doentes pela manhã, pois nessa parte do dia o estado de espírito de ambos era mais tranquilo, aferia a temperatura colocando a mão no peito do enfermo, e devia anotar todos os fenômenos observados.

A medicina hipocrática influenciou profundamente o pensamento médico. Aliviar em qualquer circunstância era imprescindível para Hipócrates, sendo esta uma de suas regras mais célebres. Para ele a conduta humanista do médico diante do paciente era um dever fundamental, expressado no juramento que durante muitos séculos se constituiu o princípio maior e único da ética médica. A coleção dos textos hipocráticos (*Corpus Hippocraticum*) é composta de 53 tratados e 72 livros. Entre os mais famosos, além do *Juramento*, estão: *O Comportamento do médico*, *Prognósticos*, *As dietas*, *Aforismos*, *Hemorroidas*, *Reposição das luxações*, *Epidemias*, *Da doença sagrada* etc. A maior parte desses tratados parece ter sido redigida entre 420 e 350 a.C. e, portanto, essas obras não poderiam ter sido redigidas apenas por Hipócrates.

JURAMENTO DE HIPÓCRATES

"Eu juro por Apolo médico, por Esculápio, Higeia e Panaceia, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue: estimar, tanto

quanto a meus pais, aquele que me ensinou esta arte; fazer vida comum e, se necessário for, com ele partilhar meus bens; ter seus filhos por meus próprios irmãos; ensinar-lhes esta arte, se eles tiverem necessidade de aprendê-la, sem remuneração e nem compromisso escrito; fazer participar dos preceitos, das lições e de todo o resto do ensino, meus filhos, os de meu mestre e os discípulos inscritos segundo os regulamentos da profissão, porém, só a estes.

Aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém. A ninguém darei por prazer, nem remédio mortal nem um conselho que induza a perda. Do mesmo modo não darei pessário a nenhuma mulher.

Conservarei imaculadas minha vida e minha arte.

Não praticarei a talha,¹ mesmo sobre um calcuroso confirmado; deixarei essa operação aos práticos que disso cuidam.

Em toda a casa, aí entrarei para o bem dos doentes, mantendo-me longe de todo o dano voluntário e de toda a sedução, sobretudo longe dos prazeres do amor, com as mulheres ou com os homens livres ou escravizados.

Aquilo que no exercício ou fora do exercício da profissão e no convívio da sociedade, eu tiver visto ou ouvido, que não seja preciso divulgar, eu conservarei inteiramente secreto.

Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja dado gozar felizmente da vida e da minha profissão, honrado para sempre entre os homens; se eu dele me afastar ou infringir, o contrário aconteça."

O juramento foi estruturado em três partes: (1) **Invocação**: em que há, em primeiro lugar, um apelo dirigido a Apolo, Asclépio, Higeia e Panaceia, deuses tutelares da prática médica e, em segundo lugar, aos demais deuses para não incorrer em erro, pois havia diversos deuses ligados à medicina como Quíron, que ensinou medicina a Asclépio. (2) **Cláusulas**: que apresentam sequencialmente dois tipos de compromisso. O primeiro se refere a um pacto familiar que coloca o mestre no mesmo plano afetivo e social dos pais e os filhos do mestre no mesmo plano dos irmãos (é a antiga prática grega de transmitir os conhecimentos técnicos dentro da própria família); o segundo estabelece um código de conduta pessoal e profissional para o médico. (3) **Imprecação**: no final, evoca a punição aos que juram em nome dos deuses e não cumprem o prometido.

Os demais textos da Coleção Hipocrática deixaram de ser estudados, mas o **Juramento** se mantém atual com algumas modificações. Na Biblioteca Apostólica do Vaticano há um manuscrito do século XII em que o texto grego original foi disposto em forma de cruz, depois de retiradas as referências aos deuses pagãos. Em setembro de 1948, em Genebra, a Associação Médica Mundial adotou uma versão modernizada do juramento médico, emendada em 1968. Em 1999, o protocolo de Istambul foi apresentado ao Alto Comissariado de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) por uma comissão de especialistas. Desde então os Conselhos de Medicina de todos os países membros da ONU, por meio de Códigos de Ética Médica instituídos por lei, tornaram a maioria das cláusulas do antigo Juramento obrigatórias para todos os médicos, independentemente do tipo de juramento pronunciado no momento da formatura.

Referências/Leitura selecionada sugerida

Arnott R. Healing and medicine in the Aegean Bronze Age. J R Soc Med. 1996; 89: 265–70.

Arnott R. Minoan and Mycenaean medicine and its Near Eastern contacts. In: Horstmannshoff HFJ, Stol M (ed). Magic and rationality in ancient Near Eastern and Graeco-Roman medicine. Leiden: Brill; 2004. p.153-73.

Cilliers L, Retief FP. Medical practice in Graeco-Roman antiquity. Curationis 2006; 29:34-40.

Debernardi A, Sala E, D'Aliberti G, Talamonti G, Franchini AF, Collice M. Alcmaeon of Croton. Neurosurgery 2010;66:247-52.

¹ Talha: operação para retirada de cálculos da bexiga urinária. Também chamada talha hipogástrica.

Geelhoed GW. The caduceus as a medical emblem. Heritage or heresy? Shouthern Med. J. 1988; 81:1155-61.

Downing, KT. Uterine prolapse: From antiquity to today. Obstet Gynecol Int. 2012;2012:649459. doi: 10.1155/2012/649459. Epub 2011 Nov 14.

Silva AL. Símbolo da Medicina. Bol. Inf. CBC 1999 – Abril/Junho – 43-45).

Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine: an illustrated history. New York: Harry N. Abrams; 1987.

Magner LN. A history of medicine. 2 ed. Boca Raton: Taylor & Francis; 2005.

Newman M. Hysteria, or "suffocation of the mother". CMAJ. 1993 May 15; 148(10): 1676–1678.

Nutton V. Ancient medicine. London: Routledge; 2004.

Piñero JML. La medicina en la historia. Madrid: La Esfera de los Libros; 2002.

Pioreschi P. Greek medicine. Lewinston, NY: The Edwin Mellen Press; 1994. (Mellen History of Medicine; v. 2).

Rezende JM. À sombra do plátano. São Paulo: Editora Unifesp; 2009.

Sigerist HE. Early Greek, Hindu, and Persian Medicine. New York, NY: Oxford University Press; 1961. A History of Medicine; vol 2.

Tyson SL. The caduceus. SC Monthly. 1932; 34:492-8